

HISTÓRIA E CINEMA: UMA CONTRA-ANÁLISE DA ESCRAVIDÃO A PARTIR DO FILME AMISTAD

Diones Augusto Ribeiro (Doutorando em História – Ufes)

Introdução

O cinema é uma ferramenta extremamente importante para a construção do ensino. Dentro do ambiente escolar, é fundamental que se crie novos meios para se tornar o ensino “mais atrativo”. Dentro disto, os filmes tornaram-se instrumentos muito úteis para a fomentação de um novo viés educacional, trazendo a ficção para a sala de aula e criando novos meios de se conhecer a realidade e de interpretá-la.

Todavia, em muitas escolas, o filme tornou-se um meio para “se tampar uma aula vaga” ou mesmo para “enrolar”. Dentro de minha experiência como docente, muitas vezes pedagogos ou coordenadores pedem para passar um filme para “dar uma enroladinha”, ou seja, tampar o buraco de uma aula vaga ou para “manter a molecada quieta”.

No caso do ensino noturno público, principalmente na modalidade de EJA (Educação de Jovens e Adultos) a situação é muito mais preocupante. Muitos alunos, principalmente os de idade mais avançada, não conseguem entender que o cinema é uma ferramenta potente para a análise da realidade e para absorção de conteúdos e conceitos não presentes nos manuais didáticos. Sempre quando se propõem passar um filme, muitos alunos preferem ir para casa assistir novela ou cuidar de outras coisas. Para eles, o “copiar” é o único meio para se aprender alguma coisa de útil. Acreditam que o professor “está enrolando”, não tendo assim nenhuma função cognitiva o cine em sala de aula.

Com as devidas considerações, não tiro a razão deles. Muitos colegas de profissão utilizam o cinema em sala de aula com fins daqueles que não seja didático. Por várias vezes me perguntaram se eu teria um filme no meu “pack pedagógico” para cobrir a aula de um colega que faltou. Isto é um problema muito sério, pois se acaba descaracterizando a função de um potente instrumento pedagógico, capaz de transformar aquela velha “aula chata” em algo atrativo e diversificado, capaz sim de alterar a realidade do aluno e fazê-lo compreender melhor seu mundo e espaço de vivência.

O objetivo do presente artigo é compreender a importância do uso do cinema na sala de aula a partir de um estudo de caso, tendo em vista nossa experiência no magistério com a exibição de trechos do filme *Amistad* para os alunos do ensino Fundamental e Médio.

Cinema e história: uma abordagem conceitual

O filme é um extraordinário elemento de aprendizagem e mecanismo de complemento curricular. Previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), as mídias educativas, incluindo aí o cinema, deve ser usado dentro de uma perspectiva ampla, capaz de tornar o ensino agradável e atrativo para o aluno. O docente precisa ter em mãos um “plano de ação” capaz de relacionar o filme ou partes dele com o conteúdo trabalhado em sala de aula, de preferência também com a realidade de vida do aluno ou de sua sociedade. Daí a importância do planejamento. De acordo com Napolitano,

Ao escolher um ou outro filme para incluir nas suas atividades escolares, o professor deve levar em conta o problema da adequação e da abordagem por meio da reflexão prévia sobre seus objetivos gerais e específicos. Os fatores que costumam influir no desenvolvimento e na adequação das atividades são: possibilidades técnicas e organizativas na exibição de um filme para a classe; articulação com o currículo e/ou conteúdo discutido, com as habilidades desejadas e com os conceitos discutidos; adequação à faixa etária e etapa específica da classe na relação ensino-aprendizagem (NAPOLITANO, 2010, p.16).

Tais argumentações de Napolitano são relevantes. Para corroborar elas posso citar um exemplo pessoal. Trabalho na rede privada de ensino de Vitória desde 2007. Naquele ano, desenvolvia um trabalho junto aos alunos do sétimo ano (antiga sexta série) sobre Grécia antiga. Estávamos trabalhando sobre Esparta e seu sistema de ensino. Neste ano houve o lançamento do filme *300 de Esparta*, inspirando nos quadrinhos de Frank Miller acerca das Guerras Médicas, conflito de ordem econômica entre as polis grega e a Pérsia. Resolvi passar este longa para meus alunos, obviamente tendo a preocupação em elaborar uma atividade avaliativa com o objetivo de relacionar o filme ao conteúdo trabalhado em sala de aula. Notei que os alunos, no geral, adoraram a atividade, além de terem se divertido com o filme. No final das contas foi um trabalho proveitoso. Porém, alguns pais, com razão, vieram me procurar. O grande questionamento foi a questão de eu ter irrelevado as cenas de violência e de sexo presentes no filme. A classificação do mesmo é de 16 anos, e eu o exibi para

alunos com no máximo 12 ou 13 anos. Até ameaça de processo eu sofri, sendo necessário a intervenção da coordenação da escola para apaziguar os ânimos mais exaltados. No final das contas, tinha me esquecido de que não estava passando o filme para mim mesmo e sim para alunos que estavam num processo de construção cognitiva. Novamente citando Napolitano:

O professor deve se lembrar, sempre, que ele não está reproduzindo o filme para si mesmo, para o seu próprio deleite intelectual ou emocional. Portanto, é preciso refletir sobre o público-alvo da atividade planejada, conhecendo seus limites e suas possibilidades gerais (faixa-etária, etapa da aprendizagem), mas também mapeando, ainda que intuitivamente, o repertório cultural mais amplo e a cultura visual/cinematográfica dos alunos.

[...]

Alem dessa preocupação, ao escolher os filmes para a sala de aula, deve ter o cuidado de respeitar os valores culturais, religiosos e morais dos alunos e de suas famílias, mesmo discordando deles. Não se trata de parecer simpático e conciliatório perante o grupo, e sim não bloquear a assimilação de um filme em consequência da precipitação em exibi-lo para uma classe que não esteja devidamente preparada para aquele tipo de história e conteúdo, seja por limites culturais, morais ou religiosos (NAPOLITANO, 2010, p.19-20).

Seria então o filme um meio, numa aula de História, para se fazer uma análise ou uma contra-análise da sociedade ou de eventos históricos? Para Ferro, o cinema é um meio para analisarmos o mundo que nos rodeia e para entendermos suas estruturas, além de compreendermos diversas relações históricas socialmente construídas. Analisando a narrativa e os diferentes componentes de um filme, é possível entender nossa realidade. Figurinos e roteiros também são imprescindíveis para tal construção. Sempre há uma motivação ideológica no constructo cinematográfico. Ferro diz que é preciso, antes de tudo, uma análise interdisciplinar e contextualizada de um filme, já que ele sempre excede seu conteúdo:

[...] empreender a análise de filmes, de fragmentos de filme, de planos, de temas, levando em conta, segundo a necessidade, o saber e o modo de abordagens das diferentes ciências humanas não poderia bastar. É necessário aplicar esses métodos a cada substância de um filme (imagens, imagens sonoras, imagens não sonorizadas), às relações entre os componentes dessas substâncias; analisar no filme principalmente a narrativa, o cenário, o texto, as relações do filme com o que não é o filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime. Pode-se esperar compreender não somente a obra como também a realidade que representa (FERRO, 1974, p.203).

As motivações ideológicas de um filme, bem como os elementos responsáveis pela construção de sua narrativa, devem ser levadas em consideração quando utilizamos um filme para complementar um conteúdo utilizado em sala de aula. Porém, é preciso cuidado. Para Morettin, a questão dos grupos marginalizados pode criar problemas no que se refere à afirmação do filme ser uma representação fiel da sociedade:

A contra-história, via cinema, se apresenta em sua forma mais cristalina quando grupos marginalizados pela sociedade assumem o controle da produção de imagens. Nesse momento, teríamos um ponto de junção entre a natureza histórica do cinema enquanto possibilidade de “revelar” o inverso da sociedade e a origem social desses grupos, uma vez que estes representam esse inverso. Por serem excluídos, não participam nem da representação da sociedade – elaborada por uma de suas partes que, entretanto, apresenta-a como pertencente ao todo – e nem do poder instituído. No momento que estabelece esta relação, Ferro precisa um pouco melhor a maneira pela qual o cinema contribui para um contra-análise da sociedade, mas, ao mesmo tempo, nos coloca um outro problema, se pensarmos de acordo com o seu referencial teórico: as imagens cinematográficas produzidas por esses grupos não forneceriam elementos para a sua própria contra-análise, pondo abaixo a representação que fazem de si da sociedade (MORETTIN, 2010, p.43)?

O uso do filme Amistad em sala de aula

O trabalho em sala com cenas do filmes Amistad visa complementar conteúdos relativos à temática da escravidão e estabelecer uma contra-análise da sociedade a partir da arte. Para tanto, o plano de aula deve privilegiar três momentos: dois expositivos e outro com recursos áudios-visuais, que culminará com a exibição de cerca de dez minutos do filme citado.

Primeiramente, o trabalho começa com uma aula expositiva sobre o funcionamento da indústria açucareira dentro do Brasil Colônia a partir da lógica Mercantilista. Feito isso, começa-se a discutir a necessidade da mão de obra escrava para o funcionamento deste sistema e a questão das funções por eles desenvolvidas. Assim, espera-se dar aos alunos elementos para a compreensão desta temática dentro dos parâmetros do capitalismo comercial e da economia açucareira, extremamente lucrativa na Europa. Este trabalho pode ser feito com o data-show ou com a lousa.

No segundo momento expositivo, o conteúdo relativo à escravidão no Brasil Colônia começa com uma análise de imagem. A obra em questão é de Rugendas¹

¹ Johann Moritz Rugendas nasceu em 1802 e faleceu em 1858. Foi um pintor alemão que viajou por todo o Brasil entre 1822 e 1825, pintando os povos e costumes que encontrou. Rugendas era o nome

intitulada “Navio Negreiro”. Com ela, discute-se com os alunos as condições de vida dos cativos africanos no traslado da África para a América. Neste caso, o uso do data-show é imprescindível, já que o trabalho é enriquecido com imagens relativas à temática.

Com a imagem “O Navio Negreiro”, buscamos discutir os maus tratos sofridos pelos negros durante as longas viagens, além dos castigos, homicídios e tantas outras barbaridades que aconteciam no interior das embarcações. Além disto, espera-se que os alunos façam uma reflexão a priori sobre temas ligados à escravidão, principalmente no que tange à violência e às formas de resistência que os negros criaram dentro daquele contexto.



Rugendas. Navio Negreiro. 1830

Amistad é um filme de 1997 dirigido por Steven Spielberg, cujo roteirista é David Franzoni. Ele conta a história de uma revolta de escravos ocorrida em 1839, a bordo do navio La Amistad. Relata a jornada de um grupo de escravos africanos após a embarcação ter sido aprisionada por autoridades. Eles são julgados pelo assassinato da tripulação. O caso toma vulto e o presidente americano Martin Van Buren, que tentava a reeleição, apóia a condenação dos escravos, o que agradaria aos estados do

que usava para assinar suas obras. Coursou a Academia de Belas-Artes de Munique, especializando-se na arte do desenho. Com apoio do naturalista Alexander von Humboldt, fez publicar suas memórias de viagem e transformou desenhos e aquarelas nas litografias do luxuoso álbum “*Viagem pitoresca ao interior do Brasil*”. Ademais, sua temática era predominantemente paisagística e de representação de cenas do cotidiano. Deixou desenhos a grafite e bico-de-pena de tipos americanos, brasileiros ou latino-americanos, estudos de plantas, índios, negros, retratos, vistas urbanas, paisagens. (WIKIPEDIA, 2012).

sul e a rainha espanhola Isabel II. Os abolicionistas vencem, mas o governo apela e a causa chega a Suprema Corte Americana. Este quadro faz o ex-presidente Quincy Adams, um abolicionista não-assumido, sair da sua aposentadoria voluntária, para defender os africanos. Os africanos negros são considerados inocentes e recebem o direito de retornar à África. O longa tem no elenco nomes de peso como Morgan Freeman (Theodore Joadson), Anthony Hopkins (John Quincy Adams), Nigel Hawthorne (Martin Van Buren), Djimon Hounsou (Cinque) e Anna Paquin (Isabel II) (ADORO CINEMA, 2012). Ademais, Amistad relata a gênese das primeiras medidas abolicionistas nos Estados Unidos e é muito tocante no que cerne à questão do preconceito racial, já que mostra que os negros deveriam ser condenados pelo simples fatos de ser de serem negros e para agradar a rainha espanhola. Questões de cunho humanitário foram descartadas por aqueles que defendiam a escravidão.

A cena a ser trabalhada em sala de aula trata-se de uma sequência de cerca de dez minutos. Ela apresenta cenas com prolongamento médio. A técnica da filmagem permite observar a expressão facial dos atores. Alterna cenário diurno e noturno, o que realça as feições faciais e a atuação dos atores. A sonoplastia destaca o drama, já que a quase ausência de diálogos reforça a tragédia dos assassinatos e dos maus-tratos sofridos pelos escravos. Em outros planos seqüenciais, intercalam-se cenas com vários atores e atuações individuais, fundamentais para o enredo.

A aula deve ser pensada no sentido de utilizar a ficção com o propósito de se trabalhar a escravidão no Brasil colônia e mostrar como se dava a chegada dos escravos africanos no Novo Mundo. É de fundamental importância a intervenção do professor ao longo das sequencias para se estabelecer as relações necessárias entre o longa e a matéria trabalhada.

O primeiro passo é mostrar a questão de como se dava o comércio de escravos dentro do continente africano.

O personagem Cinque (Djimon Hounsou) é raptado de sua comunidade por uma tribo hostil e levado para o litoral de um porto africano. Lá, ele e outros cativos são trocados por mercadorias com os espanhóis. Neste momento, o professor deve destacar a questão do escambo e a dinâmica da escravidão dentro da África, destacando que muitos povos de lá mantinham relações comerciais diversas junto aos europeus e praticavam a escravidão.



<http://www.ferdyonfilms.com/2010/amistad-1997/7597/>

O próximo momento da aula é discutir a questão do traslado marítimo dos escravos e as condições de vida e de salubridade dentro dos chamados “tumbeiros”, como eram conhecidos os navios negreiros.



<http://www.ferdyonfilms.com/2010/amistad-1997/7597/>

As cenas são chocantes e é preciso uma ação diferenciada do professor para lidar com aqueles alunos mais sensíveis, que sempre se comovem em momentos com forte apelo emocional. A sequência do navio mostra os maus-tratos que os negros sofriam, além de estupros, a questão da péssima alimentação e o destino daqueles cativos que se adoentavam durante as péssimas viagens, já que eles eram “jogados ao mar”, ou seja, mortos da pior maneira possível.



<http://www.ferdyonfilms.com/2010/amistad-1997/7597/>

O último plano seqüencial demonstra a questão do comércio de escravos no continente americano. A cena se passa em uma praça cubana.



<http://www.movpins.com/dHQwMTE4NjA3/amistad-%281997%29/still-211321856>

A cena permite aos alunos observarem como que acontecia tal comércio. Claramente dá para eles perceberem que os negros eram aproveitados em determinadas funções de acordo com suas características físicas, indo prestar trabalhos em minas, plantações, ofícios diversos, em serviços domésticos etc. Cabe ao

professor fazer os apontamentos necessários para facilitar a análise do filme e a compreensão dos alunos a partir dos conteúdos trabalhados.

Outras questões podem ser discutidas pelo professor ao relacionar o filme com diferentes conteúdos da área de História. Napolitano cita algumas:

- O filme coloca em lados opostos democratas liberais e escravagistas conservadores. O ex-presidente John Quincy Adams (Anthony Hopkins) e o jovem advogado Roger Baldwin (Mathew McConaughey) defendem os africanos. Martin Van Buren (Nigel Hawthorne), então presidente dos EUA, quer agradar sulistas escravocatas e evitar conflitos com a Espanha, por isso tende a condenar os escravos e entregá-los à Rainha Isabel II. **Todos realmente existiram.** Os alunos devem pesquisar sobre eles e tentar descobrir se aquilo que é mostrado no filme corresponde à história real e o papel desses personagens na história.
 - Analise, junto com a classe, a figura do militante negro Theodore Joadson (interpretado por Morgan Freeman) e seu papel no filme. **É o único personagem que não existiu realmente.**
- [...].
- Os alunos devem analisar o discurso final do advogado de defesa dos negros (o ex-presidente John Quincy Adams). **Também devem relacioná-lo com um evento central na história americana do século XX (Guerra de Secessão).**
 - A Marinha Real Inglesa é mostrada no filme como uma espécie de “força de libertação dos escravos”. Discuta com os alunos essa representação ideológica e proponha uma comparação com a atual posição militar dos EUA no mundo pós-Guerra Fria (NAPOLITANO, 2010, p.113).

Considerações Finais

Podemos concluir que o cinema é um meio muito eficiente para se complementar os conteúdos trabalhados em sala de aula. Como o filme é uma contra-análise da sociedade, cabe ao professor utilizá-lo dentro de normas éticas. O planejamento é fundamental, e o educador deve fazer os apontamentos necessários para uma melhor compreensão por parte dos discentes. Ademais, é preciso utilizar o filme dentro de uma proposta pedagógica séria, com o objetivo de se construir um novo meio de análise da sociedade e do passado, tornando o trabalho docente atrativo para os alunos, tendo em vista uma metodologia de trabalho séria e diversificada.

Sobre o autor

Diones Augusto Ribeiro é graduado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (2005), onde concluiu Mestrado em História Social das Relações Política (2008). É especialista em Filosofia e Ensino de Filosofia pelo Centro Universitário

Claretiano. Atualmente, cursa Doutorado em História das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atua na rede pública e privada de ensino de Vitória (ES) e é tutor das turmas de Filosofia, Teologia, Geografia, História e Convalidação em Teologia do Centro Universitário Claretino, pólo Vitória (ES).

E-mail: <simmons12@ig.com.br>.

Referências Bibliográficas

AMISTAD. *Adoro Cinema*. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-16168>. Acesso em: 29 nov. 2012.

FERRO, M. O Filme: uma contra-análise de realidade? In: LE GOFF, J; NORA, P. (Org). *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1974.

JOHANN MORITZ RUGENDAS. *Wikipédia*. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Johann_Moritz_Rugendas. Acesso em: 29 nov. 2012.

MORETTIN, E. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In: CAPELATO, M. H.; MORETTIN, E.; NAPOLITANO, M.; SALIBA, E.T. (org). *História e cinema: dimensões históricas do audiovisual*. São Paulo, USP, 2010.

NAPOLITANO, M. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2010.

SIMÕES, R. H. S.; FRANCO, S. P.; SALIM, M. A. A. (orgs). *Ensino de História, Seus Sujeitos e Suas Práticas*. Vitória: G&M Gráfica e Editora, 2006.